

# A Doci Papiaçam di Macau

*H e l d e r F e r n a n d o*

O SOM CRIULO DO DIALECTO MACAENSE TEM aquela música que nos é familiar, mais ou menos directamente. Aos nossos ouvidos, sobrepõem-se, com o *patuá*, sedimentadas em múltiplas raízes, melodias faladas noutras paragens da nossa História.

Sons únicos que chegam a ganhar indiscrimináveis tonalidades, quando se lêem pedaços de jocosos textos antigos ou se assiste a uma representação teatral falada na que foi a expressão mais vernácula da terra macaense.

Ao longo do tempo, não terão sido muitos os autênticos investigadores das origens, da fonética, da sintaxe, da morfologia deste antigo *falar maquista*. Como lembrava a filóloga Graciete Batalha, já nos fins dos anos 50, a fonte de estudo mais antiga que se conhece, escrita em 1745, é, curiosamente, de proveniência chinesa, em forma de pequeno vocabulário sino-macaísta que faz parte do livro *Ou-Mun Kei-Leok* («Monografia de Macau»), traduzido para língua portuguesa por Luís Gomes, em 1950. Também o Prof. C.R. Badwden, da Universidade de Cambridge, conhecedor de ambas as línguas, foi um exímio estudioso que tentou reconstituir as verdadeiras formas macaístas servindo-se das transcrições chinesas mas também da tradução portuguesa como termo de comparação.

## Era Preciso Comunicar

No dias de hoje, já poucas famílias macaenses restam que utilizem o *patuá* como língua de comunicação. Dá-se até um pormenor curioso a que já assistimos – gerações mais novas, que estão fazendo interessante esforço, saudavelmente saudosista, em recuperar de certa forma o *patuá*, ao pretenderem dirigir-se aos familiares mais velhos na língua macaísta, obtêm alguma contrariedade, sob a alegação de que isso não é o português correcto. O que vem ao encontro do que alguns filólogos pretendem demonstrar, ou seja que o *patuá* não vem propriamente de uma

## Dôs Palavra na Maquista Chapado

Nhonha-Nhonha co Nhu-nhúm! Dessá  
nôs vêm papiá un-chinho, Na língu di  
Macau antigo, Língu inchido di carinho,  
Di gente di tempo antigo.  
Macau já fica qui modérno, Qui di inven-  
taçám têm p'olá! Titi falá sã unga inférno,  
Sã nom-têm águ pa banhá.

José dos Santos Ferreira (Adé),  
in *Poéma di Macau* (Ed. Leal Senado. 1993)

mistura de línguas, mas da assimilação algo apressada e algo imperfeita «*de uma língua estranha por um povo indígena, com vista às necessidades mais elementares de comunicação com os colonizadores*». Eis, o que opina Graciete Batalha, a investigadora que não deixou de chamar a nossa atenção para o facto de o crioulo de Macau ter uma história muito particular, dado que «*para a sua formação pouco contaria a meia dúzia de famílias chinesas que habitavam a península antes da nossa chegada aqui, se é que a terra era de facto habitada. [...] Claro que o dialecto veio a tomar características próprias na boca do povo macaense, mas foi uma linguagem já para aqui trazida em pleno desenvolvimento. Trazida em parte pelos pioneiros metropolitanos, oriundos sobretudo do Sul de Portugal, os quais contribuíram com suas particularidades regionais; em parte, e principalmente, pela população heterogénea que os acompanhava*».

A ter em atenção também, como escreve Montalto de Jesus no seu *Macau Histórico*, o facto de em 1563 já de estarem na cidade cerca de novecentos portugueses e mais alguns milha-

res de malaio, indianos e africanos. Claro que essas gentes tinham de utilizar entre si e com os seus patrões, uma língua que pudesse ser comum – tudo leva a crer que tenha sido um português mal falado e mal escrito. Terá sido a principal formação do dialecto macaense.

Pelo velho e patrimonial Bairro de S. Lázaro e também por outros, ainda sobrevivem famílias que em alguns dos seus convívios sentem por vezes a necessidade de recordar alegres momentos de um outro tempo. E chegam fazê-lo através do fascinante linguajar que é o *patuá*.

«*Recordo-me que há muitas dezenas de anos o sistema político não favorecia o uso do patuá, pelo contrário, desrespeitava uma expressão fantástica da identidade macaense*», diz-nos o escritor e advogado natural de Macau, Henrique de Senna Fernandes.

O autor de *Amor e Dedinhos de Pé*, embora assumindo que na sua família, o hábito de utilizar o dilecto macanese não era por aí além, apesar de sua mãe empregar várias expressões, acrescenta que «*o esforço que um grupo de pessoas está a desenvolver no sentido de recuperar a memória de Macau através, por exemplo, de apresentação pública de récitas, merece o maior carinho. Se por cá ficarem, macaenses, ainda sobreviverão durante mais tempo as maravilhosas expressões do patuá. Perde-se a terra, mas fica a memória!...*»

As tunas de antigamente, compostas por muitos músicos, deram lugar a uma única Tuna Macaense, com menor número de elementos, de diferentes gerações. Um bem ensaiado grupo de portugueses de Macau, não profissionais de música, que atingiu valores de qualidade dificilmente ultrapassáveis nesta matéria. Já com trabalho discográfico editado, a Tuna Macaense tem feito chegar a várias partes do mundo, a Oriente e a Ocidente, muitas canções antigas de Macau e outras de autoria dos próprios elementos.

Também existe, em versão CD, um registo com antigas canções macaenses, e também doutras partes do Oriente, interpretadas por Isabel Tello Mexia – que é mais uma maneira de enriquecer, com iniciativas de hoje, a documentação disponível sobre a memória desta terra.

Por outro lado, o Coro Dinamente, constituído por algumas dezenas de cantores de várias etnias e com profissões diferentes, também possui no espectáculo, várias canções em *patuá*.

De grande impacto, de há cerca de dois anos para cá, entre a comunidade de língua portuguesa, são as récitas que um grupo de entusiastas tem levado à cerca, fazendo reviver o *doci papiaçám* dos seus antepassados.

### A Récita Macaense

De todas as vezes que se fala de *patuá*, vem à memória o poeta macaense José dos Santos Ferreira (*Adé*), ou homem que durante uma vida se dedicou ao seguimento das tradições de Macau e da sociedade a que pertencia. Como Jorge Roberts, como Tarcísio da Luz, como mais uns poucos.

Autor de récitas muito *sabr' osas* e muito aplaudidas principalmente por altura dos Carnavais, *Adé* praticava actos de Amor pela sua terra. Construiu material riquíssimo, de comunicação imediata, em prosa e em poesia.

Tinha uma inexecedível noção dos ritmos musicais do bonito falar da terra. Vem à lembrança de quando gravávamos com ele, em estúdio, vários poemas e outros textos, quase todos eles longos, nos fascinava o poder da sua interpretação, o modo como ele ia buscar em cada frase, em cada sílaba, as melhores melodias do *patua*. E depois... incrível, nunca precisámos de parar a fita.

De há quase três anos para cá, um grupo de gente de Macau organizou-se e insistiu em recuperar o saudável hábito da récita macaense, restaurar esse tipo de teatro amador. O grupo chama-se *Docí Papiaçám di Macau* e já foi aplaudido entusiasticamente pelo Presidente

Mário Soares, no decorrer duma sua visita ao Território. A peça chamava-se *Olâ Pesidenti*.

Os elementos deste grupo, ouvidos por nós, falam que decidiram ter ousadia e avançar definitivamente com a organização de récitas regulares, «*assim que deparámos com as fantásticas reacções do público*».

É assim que a Teatro D. Pedro V tem-se esgotado de todas as vezes que o *Docí Papiaçám di Macau* apresenta uma récita. O riso contagiante, mas também o choro. A saudade ou a descoberta, para os mais novos, de interessantes motivos culturais duma comunidade única nas suas formas de estar no mundo.

As mais recentes apresentações forma *Mano Beto Vai Saiong e Unga Sonho di Natal*. Em digressão por comunidades macaenses dos Estados Unidos (S. Francisco) e Brasil (S. Paulo), Outubro foi o mês escolhido para representar a récita *Chácha Querê Festa*.

Miguel Senna Fernandes, um jovem advogado filho da terra, e co-autor de várias récitas, diz-nos entusiasmado que «*esta experiência tem sido extraordinária em termos de identificação com as nossas origens, pois o homem e a mulher macaense não se resumem a um mero cruzamento de raças. O patuá é a expressão que melhor traduz a alma macaense*».

Registe-se, para que sempre conste, os nomes dos elementos-base deste grupo amador e amante – sem qualquer ordem especial, pois são todos principais: Marizinha Correia Marques, Julie Senna Fernandes, Zé-Zé do Rosário, Cecília Jorge, Miguel Senna Fernandes, Henrique Senna Fernandes, Johnny Reis, Lísbio Couto, Armindo Robarts, Mário Siqueira, Sonia Palmer, Fredy Palmer, Nuno Senna Fernandes, Fernanda Robarts e Fátima Poupinho. Para além de dezena e meia de dedicados colaboradores.

De facto, «*é necessário saberem que o patuá existe. Ou pelo menos existiu*», como comenta Miguel Senna Fernandes.